



# Banco Original

**Relatório de Gestão de Riscos**

**Circular 3.678**

**Junho de 2014**

## ÍNDICE

<b>1. Introdução.....</b>	<b>2</b>
<b>2. Gestão de Negócios.....</b>	<b>3</b>
<b>3. Gerenciamento de Riscos .....</b>	<b>7</b>
<b>4. Risco de Mercado .....</b>	<b>8</b>
<b>5. Risco de Crédito .....</b>	<b>15</b>
<b>6. Risco de Liquidez .....</b>	<b>22</b>
<b>7. Risco Operacional.....</b>	<b>25</b>
<b>8. Gerenciamento de Capital.....</b>	<b>28</b>
<b>9. Anexo I .....</b>	<b>30</b>

---

## 1. Introdução

---

A constituição do Conglomerado Financeiro Original foi aprovada pelo Banco Central do Brasil no dia 31 de agosto de 2011.

O Conglomerado é o resultado da integração entre o Banco JBS S.A., fundado em julho de 2008, com foco no fomento da atividade pecuária brasileira, e o Banco Matone S.A., um banco múltiplo tradicional sediado no estado do Rio Grande do Sul com foco no segmento de crédito consignado, linha de negócio que está sendo descontinuada. Atualmente, estas duas instituições financeiras denominam-se Banco Original do Agronegócio S.A. e Banco Original S.A., respectivamente, formando o Conglomerado Financeiro Original.

São grandes os desafios deste novo conglomerado, sendo que o crescimento financeiro sustentável, bem como o fortalecimento do valor agregado desta instituição, somente são possíveis com uma forte cultura de controle dos riscos inerentes às linhas de atividades deste Conglomerado Financeiro.

Tendo em vista tornar público as práticas de gerenciamento de riscos adotadas pelo Conglomerado Original, em linha com as recomendações do Pilar III do Comitê de Basileia e em atendimento à Circular 3.678/13 do Conselho Monetário Nacional (CMN), este relatório apresenta os aspectos qualitativos e quantitativos do gerenciamento de riscos e de capital praticados por este conglomerado.

As estruturas de governança e de alçadas, os processos de monitoramento e as metodologias adotadas, dentre outros aspectos qualitativos, estão descritos neste documento. Em complemento, abordou-se as evoluções das diversas exposições aos riscos, bem como, a evolução do capital regulatório.

O gerenciamento de riscos do Conglomerado Original é realizado de forma consolidada. Desta forma, as informações deste relatório referem-se ao Conglomerado Financeiro, composto pelas instituições financeiras já citadas. O presente relatório possui data base de 30 de junho de 2014.

Este relatório e as demonstrações financeiras da instituição estão publicadas no endereço eletrônico [www.bancooriginal.com.br](http://www.bancooriginal.com.br), permitindo de forma conjunta uma análise completa do Conglomerado Financeiro.

A Diretoria do Conglomerado Financeiro Original é responsável pelas informações divulgadas neste documento, assim como pelas políticas citadas.

## 2. Gestão de Negócios

O Conglomerado Original tem em seu portfólio produtos que visam à geração de negócios da cadeia produtiva do boi, o financiamento dos cultivos de soja, milho, algodão, café e madeira e empréstimos de capital de giro para grandes e médias empresas.

O Conglomerado condiciona a aquisição de ativos financeiros às mesmas políticas, governança e rigor de análise de risco aplicados à originação de sua carteira própria, pautando sua decisão na qualidade creditícia dos devedores. Estas aquisições geralmente têm por objetivo usufruir boas oportunidades de rentabilizar o capital da instituição, aumentar a diversificação da carteira de crédito, ou atender a demanda de clientes. Por sua vez, a venda e transferência de ativos financeiros geralmente têm por objetivos atender a demanda de clientes e gerir o risco do portfólio do conglomerado.

Adicionalmente, a instituição conta com profissionais de Tesouraria divididos em uma Mesa de Operações Proprietária e uma Mesa de Clientes, esta última para oferecer operações de derivativos e de câmbio de forma competitiva aos seus clientes.

### Cessão de Crédito

Os principais objetivos que norteiam a decisão da direção da instituição de realizar cessões de crédito são:

- (1) Necessidade de financiamento (*funding*) da instituição;
- (2) Redução da exposição em certo cliente ou ramo de atividade, visando à desconcentração e/ou abertura de margem para realização de novas operações de crédito;
- (3) Venda de carteira de crédito vencida (carteira *distressed*);
- (4) Venda das operações pertinentes a um determinado mercado que deixem de fazer parte do direcionamento estratégico da instituição; e
- (5) Sindicalização de operações de crédito ou aquisição de carteiras feitas em conjunto com outras instituições financeiras.

O Conglomerado possuía no segundo trimestre de 2014 aproximadamente R\$ 929 mil em cessões de crédito consignado com retenção substancial de risco registradas em conta de compensação. Estas cessões, que são anteriores a 2012, estão em um processo contínuo de liquidação das posições.

Saldo cessão com retenção substancial riscos e benefícios		
R\$ (mil)	2º T / 2014	1º T / 2014
Registrado conta compensação	929	1.096
Instituições Financeiras	929	1.096

No segundo trimestre de 2014 não houve alteração no fluxo das exposições cedidas nos últimos 12 meses com transferência substancial dos riscos e benefícios. Este fluxo é composto por créditos

pertencentes a carteira de agronegócio e a ação foi parte da estratégia de adequação do portfólio aos novos padrões de qualidade de crédito para o segmento implementada ao final de 2012.

Fluxo cessões com transferência dos riscos e benefícios		
R\$ (mil)	2º T / 2014	1º T / 2014
Fluxo Cessão s/ coobrigação	149.953	149.953
<b>    </b> Holding	149.953	149.953

Neste trimestre o conglomerado aumentou o saldo da carteira de direitos creditórios em aproximadamente R\$ 30 MM, conforme demonstra quadro abaixo.

Saldo exposições adquiridas		
R\$ (mil)	2º T / 2014	1º T / 2014
Exposições sem coobrigação	42.552	11.325
<b>    </b> Empresas não financeiras	42.552	11.325

O Conglomerado não possui exposições cedidas sem transferência nem retenção substancial dos riscos e benefícios, nem exposições cedidas nos últimos 12 meses que tenham sido honradas, recompradas, ou baixadas para prejuízo.

### Securitização de ativos

Geralmente, a securitização passa pelos seguintes estágios:

- (1) Originação de créditos ou de títulos e valores mobiliários;
- (2) Cessão dos créditos ou títulos e valores mobiliários; e
- (3) Emissão de títulos e valores mobiliários que podem assumir a forma de quotas, certificados ou títulos, com expressa vinculação aos créditos ou títulos e valores mobiliários adquiridos.

Os principais objetivos da securitização de créditos são similares aos da cessão de crédito. A securitização pode ser feita com venda direcionada a um investidor final (oferta privada) ou a um grupo de investidores (oferta pública). Mais do que um instrumento de captação (*funding*), a securitização pode ser realizada como um serviço adicional que a instituição presta aos seus clientes de forma a estreitar o relacionamento comercial e/ou nos casos em que a capacidade para absorver o volume de crédito demandado pelo cliente é limitada.

Atualmente, a carteira de ativos provenientes de processo de securitização refere-se a cotas de classe subordinada de um Certificado de Recebíveis Imobiliários (CRI), lastreado em créditos de financiamentos imobiliários. Não foram realizadas novas operações de securitização nos últimos anos.

O quadro abaixo demonstra os saldos referentes à securitização.

Valor total das exposições securitizadas		
R\$ (mil)	2º T / 2014	1º T / 2014
<b>Certificado Recebíveis Imobiliários</b>	<b>3.405</b>	<b>3.494</b>
<i>Lastro: Financiamento Imobiliários</i>	<b>3.405</b>	<b>3.494</b>
<b>Cota Subordinada</b>	<b>3.405</b>	<b>3.494</b>

### Estratégias de Negócio e Hedge

As operações intrínsecas à atividade operacional do Conglomerado podem gerar exposições a riscos de mercado em áreas cujo escopo não seja o de administração. Para a gestão destas exposições, em linha com a estratégia de negócios da instituição, a Tesouraria tem o mandato de fazer a gestão ativa destas posições, realizando o *hedge* quando necessário.

A Tesouraria também pode realizar a gestão das posições da carteira *trading* (intenção de negociação a fim de ganhos associados às oscilações de mercado), utilizando-se de instrumentos derivativos no mercado.

Os principais instrumentos financeiros derivativos utilizados são os Futuros, Termos, Swaps e Opções. Eles podem ser negociados em bolsa ou no mercado de balcão, e terem um ou mais indexadores. Os indexadores mais relevantes são: taxas de juros prefixadas, moedas, índices de inflação, índice de bolsa e preço de *commodities*. A instituição não possui em seu portfólio produtos de derivativos de crédito (Resolução 2.933/02 do CMN).

A Diretoria de Riscos auxilia na gestão do *hedge* no sentido de fornecer as informações relevantes às decisões da Tesouraria, bem como atuar de forma independente no monitoramento e controles dos limites de risco de mercado da instituição.

### Participações Societárias

As participações permanentes em outras empresas são contabilizadas pelo valor patrimonial (método de equivalência patrimonial – MEP). Os resultados são registrados em contas de receita/despesa de participações em coligadas e controladas. A contabilidade das participações é elaborada de acordo com as práticas contábeis adotadas no Brasil emitidas pelo Conselho Monetário Nacional e BACEN.

Atualmente, todas as participações societárias do Conglomerado são detidas por razões estratégicas, visando ganhos de sinergia e de complementaridade aos negócios do conglomerado. Seguem abaixo estas participações:

Participações Societárias		
Empresa participada	Ramo / Atividade	Capital fechado
Brasil Agrosec Companhia Securitizadora	Securitização de Crédito	Capital Fechado
Original Negócios Imobiliários	Compra e Venda de Imóveis Próprios	Capital fechado
Original Promotora	Cobrança e Cadastro	Capital fechado

No segundo trimestre de 2014 houve aporte de capital de aproximadamente R\$ 300 mil para capitalizar a Original Promotora. Seguem abaixo os valores contábeis e o requerimento de capital (RWACPAD) das participações societárias:

Valor contábil e requerimento de capital das Participações Societárias		
R\$ (mil)	2º T / 2014	1º T / 2014
Brasil Agrosec Cia. Securitizadora	109	104
Original Negócios Imobiliários	100	100
Original Promotora	321	22
Requerimento de Capital	58	25

Os ganhos e perdas reconhecidos são considerados na apuração do capital principal pela utilização das contas contábeis de resultado. Segue tabela com os ganhos e perdas referentes as participações societárias:

Ganhos / Perdas das Participações Societárias		
R\$ (mil)	2º T / 2014	1º T / 2014
Decorente de venda ou liquidação da participação	0	0
Não realizados, mas reconhecidos	(112)	(65)
Não realizados e não reconhecidos	0	0

---

### 3. Gerenciamento de Riscos

---

O Conglomerado Original preza por uma estrutura organizacional e de processos que permite um controle independente e assertivo dos diversos riscos incorridos em virtude de suas atividades.

As aprovações e revisões das diretrizes de gestão de risco e de capital, bem como os limites de riscos, são definidos por comitê composto pelo corpo diretivo e técnico da instituição. O Comitê de Diretoria é a autoridade superior nas decisões relacionadas à deliberação, coordenação, avaliação e delegação sobre a alocação de capital e apetite a risco da alta administração do Conglomerado Financeiro.

Outro pilar da estrutura de gerenciamento de risco é a segregação de atividades entre as áreas de negócios e as áreas de controle, evitando conflitos de interesse e garantindo a independência dos administradores. Por sua vez, os processos operacionais têm como núcleo duas vertentes igualmente relevantes: o envolvimento de todas as áreas quando da implantação e comercialização de um novo produto ou serviço, e a independência da identificação, mensuração e reporte de riscos por estas áreas em processos já implantados.

Os normativos internos que qualificam e regem o ambiente interno de gestão de riscos são divulgados para o quadro de colaboradores e publicados em ambiente eletrônico para consulta.

O Conglomerado Original qualifica e gerencia seus potenciais riscos nas seguintes classes:

**Risco de Mercado:** preocupa-se com a possibilidade de ocorrência de perdas resultantes da flutuação nos valores de mercado de posições detidas por uma instituição financeira, inclusive as perdas decorrentes do tamanho da posição detida frente à liquidez dos mercados durante processos de liquidação.

**Risco de Crédito:** gerencia a possibilidade de ocorrência de perdas financeiras associadas ao não cumprimento pelo tomador ou contraparte de suas respectivas obrigações nos termos pactuados, à desvalorização de contrato de crédito decorrente da deterioração da qualidade creditícia do tomador ou devido à alteração do cenário macro econômico, à redução de ganhos ou remunerações, às vantagens concedidas na renegociação e aos custos de recuperação.

**Risco de Liquidez:** atenta-se a possibilidade da instituição não ser capaz de honrar eficientemente suas obrigações financeiras esperadas e inesperadas, correntes e futuras, inclusive aquelas decorrentes da vinculação de garantias, sem afetar suas operações diárias e sem incorrer em perdas significativas. Controla a aplicação do caixa da instituição em relação a constituição de posições ilíquidas ou desvantajosas devido à situações de descontinuidade do mercado ou tamanho elevado em relação ao volume normalmente transacionado.

**Risco Operacional:** preocupa-se com a possibilidade de ocorrência de perdas resultantes de falha, deficiência ou inadequação de processos internos, pessoas e sistemas, ou de reflexos advindos de eventos externos.



---

## 4. Risco de Mercado

---

O Risco de Mercado trata das perdas potenciais em razão das oscilações das taxas e cotações de mercado que precificam os instrumentos financeiros pertencentes à carteira da instituição. A gestão de risco de mercado compreende o conjunto de procedimentos que buscam mensurar e controlar as exposições intrínsecas a cada operação. A estrutura de gerenciamento de risco de mercado do Conglomerado tem como base a Resolução 3.464/07 do Conselho Monetário Nacional.

A seguir serão abordadas as estruturas, políticas e metodologias utilizadas pela instituição no controle do risco de mercado, bem como informações da carteira ao longo dos últimos trimestres.

### Políticas e Estratégias

As estratégias de risco são definidas pela alta administração da instituição e incorporam o planejamento estratégico das áreas de negócios.

A análise de exposição das carteiras da instituição é pautada em processos realizados pela Diretoria de Riscos em conformidade com as diretrizes definidas na Política de Gestão de Risco de Mercado. Esta política é aprovada pelo Comitê de Diretoria e consolida as definições, diretrizes e responsabilidades de fóruns e áreas envolvidas para que sejam estabelecidas as práticas de gerenciamento do risco de mercado. O detalhamento das principais atribuições e processos relacionados ao monitoramento e controle do risco de mercado são descritas a seguir.

### Mapeamento do Risco de Mercado

O processo de mapeamento de risco de mercado consiste na:

- Identificação dos fatores de risco de mercado para cada produto;
- Definição da metodologia de alocação de valores nos fatores de risco; e
- Tratamento específico destinado às opções e produtos que contenha cláusulas de opcionalidades ou barreiras.

Cabe a Diretoria de Riscos a operacionalização e o reporte do mapeamento de risco de mercado.

### Marcação a Mercado

O processo de marcação a mercado consiste em precificar os instrumentos financeiros pelo seu valor real, isto é, pelo valor que hipoteticamente seria transacionado no mercado. Este processo é função das taxas e preços observados nos mercados, dos cálculos segundo composição de insumos coletados no mercado ou modelos de aproximação.

Para os instrumentos pertinentes ao processo, existem três situações possíveis quanto ao seu modelo de marcação a mercado:

- **Tipo I:** Há informação de preço observado e disponível no mercado;
- **Tipo II:** O preço do ativo não é observado. Neste caso a precificação utiliza os fatores de risco observados;

- **Tipo III:** Não há informação de preço e nem dos seus insumos, sendo que seu modelo é teórico (Marcação a Mercado).

A área de risco de mercado é responsável pela proposta e revisão dos modelos de marcação a mercado da instituição. A área de Finanças, por sua vez, garante a aderência dos modelos às regras do IFRS. Por modelo de marcação a mercado estão incluídos dois aspectos:

- Definição da coleção de insumos (preços, curvas e superfícies de volatilidade) necessários;
- Metodologia de cálculo a ser aplicada.

A aprovação dos modelos de marcação a mercado é de alçada do Comitê de Gestão de Riscos e Capital.

### Classificação das Operações

Conforme disposto na Circular 3.354/2007, que estabelece critérios mínimos para classificação de operações nas instituições financeiras, o Conglomerado Original segrega suas exposições em carteiras de negociação (*trading*) e de não negociação (*banking*). As posições com as quais há intenção de negociação a fim de ganhos associados às oscilações de mercado são classificadas na carteira de negociação da instituição.

Na carteira da instituição não há depósitos a prazo sem data de vencimento e os riscos derivados das liquidações antecipadas de empréstimos são tratados de acordo com as políticas de *hedge*.

### Risco de Mercado da carteira Trading

Gerencia-se o risco de mercado da carteira de negociação (*trading*) através de procedimentos de identificação e mensuração do risco de mercado, monitoramento permanente do risco, reporte dos resultados, testes de estresse e controle de limites.

Ainda, para os ativos da carteira de negociação apura-se a alocação de capital, segundo os modelos padronizados regulamentados pelo Banco Central do Brasil, referente aos riscos de mercado de juros, cupom de moedas, cupom de índices de preços, cupom de outras taxas, *commodities*, câmbio e de ações.

Seguindo a estrutura de governança do processo de monitoramento e controle do risco de mercado, os limites são definidos pelo Comitê de Diretoria. A área de risco de mercado tem o mandato de controlar estes limites e, em caso de um evento de desenquadramento, a área de Tesouraria e o Comitê de Diretoria são tempestivamente reportados.

#### a) Valor em Risco (VaR)

O monitoramento do *VaR* é uma ferramenta relevante no controle do risco de mercado da tesouraria. Utiliza-se como metodologia o modelo paramétrico, com 99,9% de intervalo de confiança, volatilidade EWMA com 126 amostras e *lambda* de 0,94. O *holding period (hp)* é função dos dias necessários para liquidação da posição, levando-se em conta o tamanho da posição detida pelo banco e a liquidez de mercado do instrumento.

A manutenção e proposta de novas metodologias de controle desta métrica é responsabilidade da área de risco de mercado. As alterações devem ser aprovadas pelo Comitê de Gestão de Riscos e Capital.

Respeitando a estrutura de negócios definido na política de interna de risco de mercado, as mesas pertencentes à carteira *trading* estão sujeitas aos limites de exposição de *VaR*. Estes limites são definidos de acordo com o apetite a risco da Instituição, sendo o fórum de deliberação o Comitê de Diretoria.

A área de risco de mercado monitora e controla, para cada estrutura, o consumo de *VaR* vis a vis seu limite. Em todos os casos são definidos alertas amarelos (*yellow flag*) quando o consumo de risco se aproximar do seu limite.

A área de risco de mercado diariamente realiza o monitoramento e controle através de relatórios diários enviados para a área de tesouraria. Se extrapolado um limite, o fato é reportado tempestivamente ao Comitê de Diretoria para definição das ações.

### **b) Teste de Estresse**

Os cenários de estresse são representações de condições atípicas de mercado que podem eventualmente resultar em perdas econômicas não contempladas pelo *VaR*.

O Comitê de Gestão de Riscos e Capital define os cenários de estresse válidos para apuração dos testes de estresse. A definição destes cenários ocorre de forma colegiada pelo comitê, que realiza sua decisão baseada em percepções das áreas de economia, tesouraria e riscos. Cada um desses cenários é descrito através um conjunto de curvas representando o nível dos preços de mercado a serem verificados no curto prazo.

Os cenários aprovados pelo Comitê são vigentes até que seja realizada uma reavaliação das condições de estresse, que ocorrem regularmente a cada mês ou em caráter extraordinário sempre que houver alterações nos fundamentos macroeconômicos que fundamentaram a decisão.

As curvas definidas como cenários de estresse são utilizadas pela Diretoria de Risco de Mercado no controle de risco em condições extremas de mercado. Diariamente, as carteiras citadas acima são marcadas a mercado utilizando-se as curvas definidas em cada um dos três cenários de estresse. O teste de estresse é o resultado da pior perda financeira decorrente da marcação a mercado da posição em cada um dos cenários de estresse vis a vis a marcação a mercado da curva real.

Uma vez que o *Stess Test* limite atingir o limite, a área de risco de mercado informa o fato tempestivamente ao Comitê de Diretoria para deliberação.

### **c) Stop Loss**

A medida de *Stop Loss* consiste na máxima perda financeira aceitável de uma determinada carteira em uma janela de tempo.

A Mesa Proprietária tem definido um limite para perdas em uma janela determinada de tempo. Diariamente a área de risco de mercado afere o P&L (resultado) acumulado de cada portfólio dentro desta mesma janela de tempo. Esta conferência é reportada à área de tesouraria através de relatórios.

O P&L acumulado, se negativo, é comparado à medida de *Stop Loss*. Se constatado que o resultado negativo atingiu o limite a área de risco de mercado deve informar o fato tempestivamente ao Comitê de Diretoria para deliberação.

---

### Risco de Mercado da carteira Banking

O gerenciamento do risco de mercado das posições classificadas na carteira de não negociação (*banking*) é realizado através da apuração do risco, monitoramento contínuo da exposição e reporte dos resultados. O Conglomerado utiliza para a apuração da sensibilidade do portfólio às mudanças na estrutura a termo de taxa de juros metodologia pautada nas recomendações de Basileia.

O risco da taxa de juros é a exposição de uma instituição financeira a movimentos adversos na estrutura a termo de taxas de juros. Embora este risco seja uma importante fonte de lucratividade, sua exposição excessiva pode ser uma ameaça à receita e ao capital do banco. Mudanças nas taxas de juros afetam a receita da instituição, bem como modifica o valor dos ativos, passivos e instrumentos *off-balance* (*hedge* com derivativos) devido à mudança de seu valor de mercado. Desta forma, um processo efetivo de gerenciamento de risco de taxas de juros que o mantenha em níveis prudentes e dentro da disposição da instituição em incorrer esses riscos é essencial para sua segurança e solidez.

As etapas para esta quantificação são:

- Apuração do *GAP* da carteira de ativos e da carteira de passivos;
- Cálculo da *duration* da carteira de ativos e da carteira de passivos;
- Cálculo da variação relativa da taxa de juros referente à manutenção da carteira por um ano, dentro de uma janela de cinco anos de observação;
- Aplicação de todas as variações encontradas sobre a curva de juros da data do cálculo e reprecificação da carteira;
- Cálculo do efeito do percentil de 1% e 99% da distribuição das variações da curva de juros no valor de mercado do portfólio considerando os ativos e passivos separadamente.

A área de risco de mercado é responsável pelas propostas de modelos e parâmetros a serem utilizados nesta análise. O modelo e seus parâmetros devem ser deliberados e aprovados pelo Comitê de Diretoria que também é responsável pela deliberação dos limites e níveis de alerta para gestão do risco de taxa de juros do *banking book*.

Definidos a métrica, parâmetros e limites a área de risco realiza o cálculo do risco de taxa de juros (RBAN) semanalmente, reportando o resultado através de relatórios para área de Tesouraria. Havendo extrapolação dos limites estabelecidos, a área de risco de mercado informa o fato tempestivamente ao Comitê de Diretoria.

Na instituição não há carteira relevante de depósitos sem data de vencimento definido, nem investimentos relevantes em participações societárias.

Seguem abaixo as tabelas com os impactos de choques nas taxas de juros nas operações não classificadas na carteira de negociação (carteira *banking*). Primeiramente a estimativa de variação do valor de mercado das operações não classificadas na carteira de negociação, com utilização de choque compatível com o 1º e o 99º percentis de uma distribuição histórica de variações nas curvas de juros. Em seguida, a estimativa de pontos-base de choques paralelos de taxas de juros necessários para acarretar reduções do valor de mercado das operações não classificadas na carteira de negociação correspondentes a 5% (cinco por cento), 10% (dez por cento) e 20% (vinte por cento) do Patrimônio de Referência (PR).

<b>Ganhos /Perdas - Percentil Histórico</b>		
<b>R\$ (mil)</b>	<b>2º T / 2014</b>	<b>1º T / 2014</b>
<b>Taxa de Juros Prefixadas</b>		
1º Percentil	(25.103)	(18.742)
99º Percentil	20.117	14.412
<b>Deslocamento Curva Juros - Perdas em % do PR</b>		
<b>Pontos-base</b>	<b>2º T / 2014</b>	<b>1º T / 2014</b>
<b>Taxa de Juros Prefixadas</b>		
5%	30	31
10%	80	85
20%	342	406

### Realização de testes de avaliação dos controles de Risco de Mercado

A aferição dos modelos de risco de mercado é aplicada nos processos de mensuração, monitoramento e controles, visando identificar e sanar possíveis problemas e desvios destes processos em relação aos seus objetivos. Neste processo inclui-se o *backtesting*, que tem o objetivo verificar a precisão dos modelos adotados através da comparação das perdas previstas com as observadas.

O processo e os parâmetros dos testes de avaliação são aprovados pela alta administração. Estes testes são aplicados, no mínimo anualmente pela Diretoria de Riscos, e os resultados reportados para a diretoria.

### Análise prévia de riscos inerentes a novos produtos

A implantação de qualquer novo produto, ou estratégia, pelas áreas de negócio da instituição passa pelo crivo da Diretoria de Riscos. A análise prévia do produto busca identificar os riscos inerentes do instrumento financeiro, bem como avaliar a adequação dos processos de controle de risco.

### Exposições ao Risco de Mercado

A tabela abaixo demonstra a evolução das exposições da carteira de negociação disposta pelos fatores de risco câmbio, *commodities*, taxas de juros e ações (em R\$ milhões):

<b>Carteira de Negociação - Câmbio</b>					
	<b>2º T / 2014</b>	<b>1º T / 2014</b>	<b>4º T / 2013</b>	<b>3º T / 2013</b>	<b>2º T / 2013</b>
Comprado	631	178	293	0	88
Vendido	623	176	295	0	99
<b>Líquido</b>	<b>8</b>	<b>2</b>	<b>-2</b>	<b>0</b>	<b>-11</b>

<b>Carteira de Negociação - Commodities</b>					
	<b>2º T / 2014</b>	<b>1º T / 2014</b>	<b>4º T / 2013</b>	<b>3º T / 2013</b>	<b>2º T / 2013</b>
Comprado	3	7	2	0	100
Vendido	3	7	3	0	15
<b>Líquido</b>	<b>0</b>	<b>0</b>	<b>-1</b>	<b>0</b>	<b>85</b>

<b>Carteira de Negociação - Taxas de Juros</b>					
	<b>2º T / 2014</b>	<b>1º T / 2014</b>	<b>4º T / 2013</b>	<b>3º T / 2013</b>	<b>2º T / 2013</b>
Comprado	11.838	54	454	0	286
Vendido	418	122	456	0	277
<b>Líquido</b>	<b>11.420</b>	<b>-68</b>	<b>-2</b>	<b>0</b>	<b>9</b>

<b>Carteira de Negociação - Ações</b>					
	<b>2º T / 2014</b>	<b>1º T / 2014</b>	<b>4º T / 2013</b>	<b>3º T / 2013</b>	<b>2º T / 2013</b>
Comprado	42	76	105	0	0
Vendido	0	0	0	0	0
<b>Líquido</b>	<b>42</b>	<b>76</b>	<b>105</b>	<b>0</b>	<b>0</b>

No segundo trimestre de 2014 continuou o processo de redução da carteira de ações. A exposição em taxa de juros apresentou aumento significativo devido as estratégias de posicionamento da Tesouraria no mercado de juros.

A instituição utiliza instrumentos derivativos para auxiliar a execução das estratégias. Esta detinha no final do segundo trimestre as seguintes exposições em derivativos no Brasil, segmentadas pelos fatores de risco câmbio, *commodities*, taxas de juros e ações.

Seguem as exposições com contraparte central, em valores nominais (em R\$ milhões):

<b>Derivativos com Contraparte Central - Câmbio</b>					
	<b>2º T / 2014</b>	<b>1º T / 2014</b>	<b>4º T / 2013</b>	<b>3º T / 2013</b>	<b>2º T / 2013</b>
Comprado	423	150	289	0	77
Vendido	189	353	252	0	219
<b>Líquido</b>	<b>234</b>	<b>-203</b>	<b>37</b>	<b>0</b>	<b>-142</b>

<b>Derivativos com Contraparte Central - Commodities</b>					
	<b>2º T / 2014</b>	<b>1º T / 2014</b>	<b>4º T / 2013</b>	<b>3º T / 2013</b>	<b>2º T / 2013</b>
Comprado	3	5	1	0	98
Vendido	0	0	0	0	10
<b>Líquido</b>	<b>3</b>	<b>5</b>	<b>1</b>	<b>0</b>	<b>88</b>

<b>Derivativos com Contraparte Central - Taxas de Juros</b>					
	<b>2º T / 2014</b>	<b>1º T / 2014</b>	<b>4º T / 2013</b>	<b>3º T / 2013</b>	<b>2º T / 2013</b>
Comprado	11.159	261	244	0	37
Vendido	218	214	941	0	832
<b>Líquido</b>	<b>10.941</b>	<b>47</b>	<b>-697</b>	<b>0</b>	<b>-795</b>

<b>Derivativos com Contraparte Central - Ações</b>					
	<b>2º T / 2014</b>	<b>1º T / 2014</b>	<b>4º T / 2013</b>	<b>3º T / 2013</b>	<b>2º T / 2013</b>
Comprado	0	0	0	0	0
Vendido	0	0	0	0	0
<b>Líquido</b>	<b>0</b>	<b>0</b>	<b>0</b>	<b>0</b>	<b>0</b>

E, as exposições sem contraparte central (em R\$ milhões):

<b>Derivativos sem Contraparte Central - Câmbio</b>					
	<b>2º T / 2014</b>	<b>1º T / 2014</b>	<b>4º T / 2013</b>	<b>3º T / 2013</b>	<b>2º T / 2013</b>
Comprado	0	27	4	0	49
Vendido	623	94	288	0	52
<b>Líquido</b>	<b>-623</b>	<b>-67</b>	<b>-284</b>	<b>0</b>	<b>-3</b>

<b>Derivativos sem Contraparte Central - Commodities</b>					
	<b>2º T / 2014</b>	<b>1º T / 2014</b>	<b>4º T / 2013</b>	<b>3º T / 2013</b>	<b>2º T / 2013</b>
Comprado	0	2	2	0	1
Vendido	3	7	3	0	5
<b>Líquido</b>	<b>-3</b>	<b>-5</b>	<b>-1</b>	<b>0</b>	<b>-4</b>

<b>Derivativos sem Contraparte Central - Taxas de Juros</b>					
	<b>2º T / 2014</b>	<b>1º T / 2014</b>	<b>4º T / 2013</b>	<b>3º T / 2013</b>	<b>2º T / 2013</b>
Comprado	510	49	285	0	42
Vendido	0	30	5	0	48
<b>Líquido</b>	<b>510</b>	<b>19</b>	<b>280</b>	<b>0</b>	<b>-6</b>

<b>Derivativos sem Contraparte Central - Ações</b>					
	<b>2º T / 2014</b>	<b>1º T / 2014</b>	<b>4º T / 2013</b>	<b>3º T / 2013</b>	<b>2º T / 2013</b>
Comprado	0	0	0	0	0
Vendido	0	0	0	0	0
<b>Líquido</b>	<b>0</b>	<b>0</b>	<b>0</b>	<b>0</b>	<b>0</b>

Além da exposição em taxa de juros já mencionada acima, as demais variações significativas devem-se ao aumento das operações de derivativos com clientes e os seus respectivos *hedges*.

## 5. Risco de Crédito

O risco de crédito pode ser considerado como a expectativa de perda financeira decorrente da deterioração da capacidade de pagamento das obrigações creditícias das contrapartes do banco, gerada por mudanças inesperadas na saúde financeira de um tomador de crédito, de alterações da conjuntura comercial ou inversões de cenários macroeconômicos.

A diretoria do Conglomerado Original é responsável pela aprovação e revisão das métricas de risco juntamente com sua política de risco de crédito. É função da Diretoria de Riscos monitorar, analisar, gerar indicadores e controlar a exposição ao risco de crédito da instituição, de forma independente das áreas de negócios, reportando a alta administração possíveis desvios.

### Exposição ao Risco de Crédito

A tabela abaixo demonstra os valores das exposições totais e médias no trimestre ao risco de crédito segmentadas por tipo de exposição. Em linha com o planejamento do Conglomerado, a carteira de crédito continua em processo de expansão.

Exposições no trimestre										
R\$ mil	2ºT /2014	2T Média	1ºT /2014	1T Média	4ºT /2013	4T Média	3ºT /2013	3T Média	2ºT /2013	2T Média
<b>Pessoa Física</b>	<b>416.829</b>	<b>384.760</b>	<b>296.963</b>	<b>313.929</b>	<b>321.237</b>	<b>328.900</b>	<b>355.171</b>	<b>357.889</b>	<b>375.658</b>	<b>391.831</b>
Consignado	28.316	29.391	33.153	35.519	40.352	48.967	60.394	64.953	75.040	80.450
Crédito Rural	199.235	187.892	156.701	161.904	169.468	165.902	179.864	177.165	184.492	202.252
Imobiliário	6.128	6.213	6.431	6.764	7.135	7.252	8.170	8.362	8.757	8.908
Veículos e Arrendamento Mercantil										
Cartão de crédito										
Outros	183.150	161.264	100.678	109.742	104.282	106.780	106.742	107.409	107.369	100.220
<b>Pessoa Jurídica</b>	<b>1.140.517</b>	<b>1.121.621</b>	<b>979.858</b>	<b>913.660</b>	<b>743.381</b>	<b>709.228</b>	<b>604.495</b>	<b>535.421</b>	<b>431.420</b>	<b>417.946</b>
Capital Giro, Títulos Desc. e Cta Garantida	528.051	517.591	465.285	437.753	369.601	349.608	279.680	277.939	228.603	231.965
Crédito Rural	197.641	200.754	196.251	192.452	175.856	178.471	190.123	138.505	121.903	120.207
Importação e Exportação	265.911	266.421	233.079	227.466	192.761	175.769	129.018	113.048	74.609	58.831
Investimento										
Outros	148.914	136.855	85.243	55.989	5.163	5.380	5.674	5.929	6.305	6.944
<b>TOTAL</b>	<b>1.557.346</b>	<b>1.506.381</b>	<b>1.276.821</b>	<b>1.227.589</b>	<b>1.064.618</b>	<b>1.038.128</b>	<b>959.666</b>	<b>893.310</b>	<b>807.077</b>	<b>809.777</b>

A tabela a seguir apresenta a distribuição dos valores da parcela de risco de crédito da alocação de capital (RWACPAD), segmentado pelos fatores de ponderação de risco (FPR) definidos na Circular 3.644/13<sup>1</sup>. O aumento do capital alocado é consequência do aumento da carteira de crédito.

<sup>1</sup> As informações anteriores a Outubro/2013 são apuradas pela Circular 3.360/07.



Valor parcela RWA <sub>CPAD</sub> por fator (R\$ mil)					
Fator EPR	2º T / 2014	1º T / 2014	4º T / 2013	3º T / 2013	2º T / 2013
2%	15	10	4	0	0
20%	658	568	2.048	732	88
35%	177	180	207	245	264
50%	515	1.058	1.010	3.516	1.867
75%	2.266	2.656	3.232	4.679	5.831
100%	194.316	156.844	152.423	150.678	129.026
125%	0	0	0	0	0
150%	3.770	3.761	3.704	2.202	2.273
250%	22.714	22.244	22.149	0	0
300%	31.776	34.091	34.380	37.484	36.545
-35%	0	0	0	0	0
-50%	0	0	0	0	0
-100%	(875)	(342)	(52)	(86)	(86)
-300%	(6.355)	(6.720)	0	0	0
CVA	741	354	299	0	0
<b>RWACPAD</b>	<b>249.718</b>	<b>214.703</b>	<b>219.404</b>	<b>199.449</b>	<b>175.808</b>

O quadro abaixo demonstra a evolução do percentual, em relação a carteira de crédito, da exposição das maiores contrapartes de crédito da instituição:

% Maiores exposições das operações de crédito					
R\$ (mil)	2º T / 2014	1º T / 2014	4º T / 2013	3º T / 2013	2º T / 2013
10 maiores clientes	28%	31%	34%	35%	33%
50 maiores clientes	68%	71%	73%	73%	70%
100 maiores clientes	87%	89%	90%	86%	82%

Segue abaixo a concentração da carteira de crédito por distribuição geográfica.

(R\$ mil)	Exposições por regiões geográficas do Brasil									
	2º T / 2014					1º T / 2014				
	Centro-Oeste	Nordeste	Norte	Sudeste	Sul	Centro-Oeste	Nordeste	Norte	Sudeste	Sul
<b>Pessoa Física</b>	<b>242.240</b>	<b>41.462</b>	<b>12.457</b>	<b>108.708</b>	<b>11.962</b>	<b>145.815</b>	<b>39.607</b>	<b>4.463</b>	<b>93.681</b>	<b>13.398</b>
Consignado	1.157	9.103	1.039	11.092	5.925	1.426	10.966	1.241	12.893	6.627
Crédito Rural	111.182	1.198	9.266	73.165	4.423	85.703	1.203	2.597	63.144	4.054
Imobiliário	0	0	0	4.792	1.336	0	0	0	4.926	1.505
Veículos e Arrendamento Mercantil	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Cartão de crédito	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Outros	129.901	31.161	2.152	19.658	278	58.686	27.437	625	12.717	1.212
<b>Pessoa Jurídica</b>	<b>55.867</b>	<b>56.657</b>	<b>36.670</b>	<b>938.777</b>	<b>52.546</b>	<b>86.567</b>	<b>56.426</b>	<b>26.150</b>	<b>752.892</b>	<b>57.822</b>
Capital Giro, Títulos Desc. e Cta Garantida	19.552	30.114	4.458	467.332	6.596	57.835	25.305	5.010	369.881	7.254
Crédito Rural	16.272	0	12.719	156.866	11.785	17.830	0	0	165.534	12.888
Importação e Exportação	20.043	26.543	15.335	169.824	34.166	10.902	31.121	16.498	136.877	37.680
Investimento	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Outros	0	0	4.158	144.756	0	0	0	4.642	80.601	0
<b>TOTAL</b>	<b>298.107</b>	<b>98.119</b>	<b>49.127</b>	<b>1.047.485</b>	<b>64.508</b>	<b>232.382</b>	<b>96.033</b>	<b>30.613</b>	<b>846.573</b>	<b>71.220</b>

Abaixo pode-se verificar a segmentação da carteira de crédito por setor econômico, com destaque ao crescimento da participação das operações ligadas aos setores de indústrias e serviços, refletindo a estratégia de crescimento da carteira no setor de empresas corporate.

(RS mil)	Exposições por setores econômicos									
	2º T / 2014					1º T / 2014				
	Agronegócio	Financeiro	Indústria	Serviços	Outros	Agronegócio	Financeiro	Indústria	Serviços	Outros
<b>Pessoa Física</b>	<b>388.512</b>	<b>0</b>	<b>0</b>	<b>0</b>	<b>28.317</b>	<b>263.809</b>	<b>0</b>	<b>0</b>	<b>0</b>	<b>33.154</b>
Consignado	-	-	-	-	28.316	-	-	-	-	33.153
Crédito Rural	199.235	-	-	-	-	156.701	-	-	-	-
Imobiliário	6.128	-	-	-	-	6.431	-	-	-	-
Veículos e Arrendamento Mercantil	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Cartão de crédito	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Outros	183.150	-	-	-	1	100.676	-	-	-	1
<b>Pessoa Jurídica</b>	<b>305.119</b>	<b>4.683</b>	<b>503.919</b>	<b>326.795</b>	<b>0</b>	<b>355.881</b>	<b>5.693</b>	<b>366.570</b>	<b>251.713</b>	<b>1</b>
Capital Giro, Títulos Desc. e Cta Garantida	52.527	4.683	181.403	289.437	0	74.435	5.693	151.187	233.969	1
Crédito Rural	122.109	-	75.532	-	-	120.785	-	75.466	-	-
Importação e Exportação	126.325	-	139.586	-	-	156.019	-	65.795	11.265	-
Investimento	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Outros	4.158	-	107.398	37.358	-	4.642	-	74.122	6.480	-
<b>TOTAL</b>	<b>693.631</b>	<b>4.683</b>	<b>503.919</b>	<b>326.795</b>	<b>28.317</b>	<b>619.690</b>	<b>5.693</b>	<b>366.570</b>	<b>251.713</b>	<b>33.155</b>

A tabela a seguir demonstra a exposição do crédito por prazos, segmentado por tipo de exposição ao risco de crédito.

(RS mil)	Exposições por Prazos							
	2º T / 2014				1º T / 2014			
	até 6 meses	acima de 6 meses até 1 ano	acima de 1 ano até 5 anos	acima de 5 anos	até 6 meses	acima de 6 meses até 1 ano	acima de 1 ano até 5 anos	acima de 5 anos
<b>Pessoa Física</b>	<b>113.807</b>	<b>136.491</b>	<b>157.959</b>	<b>8.571</b>	<b>104.240</b>	<b>109.811</b>	<b>73.930</b>	<b>8.983</b>
Consignado	569	1.859	22.712	3.176	312	1.887	27.533	3.421
Crédito Rural	74.733	73.631	50.870	-	41.712	76.607	38.382	-
Imobiliário	16	-	717	5.395	46	24	801	5.560
Veículos e Arrendamento Mercantil	-	-	-	-	-	-	-	-
Cartão de crédito	-	-	-	-	-	-	-	-
Outros	38.489	61.001	83.660	1	62.170	31.292	7.214	1
<b>Pessoa Jurídica</b>	<b>426.100</b>	<b>241.872</b>	<b>472.544</b>	<b>0</b>	<b>362.294</b>	<b>284.876</b>	<b>332.687</b>	<b>1</b>
Capital Giro, Títulos Desc. e Cta Garantida	185.536	130.418	212.096	0	204.245	131.486	129.553	1
Crédito Rural	52.251	13.391	131.999	-	7.356	69.702	119.194	-
Importação e Exportação	146.107	98.063	21.741	-	139.462	83.688	9.928	-
Investimento	-	-	-	-	-	-	-	-
Outros	42.207	-	106.707	-	11.231	-	74.012	-
<b>TOTAL</b>	<b>539.908</b>	<b>378.364</b>	<b>630.503</b>	<b>8.572</b>	<b>466.534</b>	<b>394.687</b>	<b>406.617</b>	<b>8.983</b>

### Risco de Crédito Potencial

Trata-se como Risco de Crédito Potencial (RCP) os casos onde o cliente é a contraparte do banco em operações cuja potencial de perda de crédito incorrida está associada às flutuações dos preços de mercado, a exemplo dos derivativos, dos contratos com exposição cambial e das compromissadas, dentre outros.

De forma geral, a instituição utiliza um modelo de análise histórica sobre a evolução de retornos do ativo subjacente da operação em foco. Assim, dado um conjunto de prazos e um nível de confiança pré determinado, pode-se estimar o risco de crédito potencial desta operação. Portanto, para fins de apuração do risco de crédito total de uma determinada contraparte, soma-se ao seu Risco de Crédito Potencial (RCP), à respectiva posição de seus demais contratos de crédito.

Abaixo, são apresentadas as informações relativas ao valor nominal dos contratos sujeitos ao risco de crédito potencial, segregando os tipos de ativos e a existência de garantias.

<b>Valor Nominal - Contratos Sujeitos ao Risco de Crédito da Contraparte</b>					
<b>R\$ (mil)</b>	<b>2º T / 2014</b>	<b>1º T / 2014</b>	<b>4º T / 2013</b>	<b>3º T / 2013</b>	<b>2º T / 2013</b>
<b>Contratos com câmara central atuando como contraparte</b>	<b>12.209.747</b>	<b>829.056</b>	<b>639.940</b>	<b>1.221.319</b>	<b>799.983</b>
<i>Derivativos</i>	12.209.747	829.056	639.940	1.221.319	799.983
<b>Contratos sem câmara atuando como contraparte central</b>	<b>1.428.973</b>	<b>1.093.294</b>	<b>842.585</b>	<b>767.697</b>	<b>500.237</b>
<i>Com Garantia - Derivativos</i>	0	1.738	0	6.529	34.632
<i>Sem garantia - Derivativos</i>	640.976	131.059	300.988	183.261	75.725
<i>Com Garantia - Compromissadas</i>	787.997	960.497	541.597	577.906	389.880
<b>Total</b>	<b>13.638.720</b>	<b>1.922.350</b>	<b>1.482.525</b>	<b>1.989.016</b>	<b>1.300.220</b>

Na sequência são apresentados os valores brutos dos contratos (valores positivos da marcação a mercado) sujeitos ao risco de crédito de contraparte:

<b>Valor Positivo Bruto - Risco de Crédito da Contraparte</b>					
<b>R\$ (mil)</b>	<b>2º T / 2014</b>	<b>1º T / 2014</b>	<b>4º T / 2013</b>	<b>3º T / 2013</b>	<b>2º T / 2013</b>
<b>Derivativos</b>	<b>4.758</b>	<b>5.443</b>	<b>1.234</b>	<b>4.772</b>	<b>2.622</b>
Compromissadas	0	0	0	198	115
<b>Total</b>	<b>4.758</b>	<b>5.443</b>	<b>1.234</b>	<b>4.970</b>	<b>2.737</b>

O quadro abaixo traz o valor positivo bruto das garantias reais (colaterais) recebidas em operações sujeitas ao risco de crédito de contraparte.

<b>Valor positivo bruto das garantias reais (colaterais) recebidas</b>		
<b>R\$ (mil)</b>	<b>2º T / 2014</b>	<b>1º T / 2014</b>
<b>Compromissadas</b>	<b>8.376</b>	<b>1.679</b>
Derivativos	-	-
<b>Total</b>	<b>8.376</b>	<b>1.679</b>

O valor da exposição global ao risco de crédito de contraparte líquido de garantias recebidas aumentou devido a elevação no volume de operações de derivativos realizadas com clientes, conforme demonstra o quadro abaixo:

<b>Exposição Global Líquida a Risco Contraparte</b>		
<b>R\$ (mil)</b>	<b>2º T / 2014</b>	<b>1º T / 2014</b>
<b>Total</b>	<b>94.276</b>	<b>17.855</b>

### Controle das exposições ao risco de crédito

A Instituição controla a exposição ao risco de crédito, tanto no âmbito global de sua carteira, como individualmente, avaliando as contraparte de suas operações de crédito. A atuação nestas duas frentes de forma coordenada, garante a adequação do risco de crédito dentro do apetite de risco definido pela alta administração.

São controlados periodicamente a evolução dos índices de concentração do portfolio pelos maiores devedores, por classificação de crédito da contraparte, por quantidade de dias de atraso, por maturidade das operações, além dos índices de suficiência de provisões frente a exposição de risco,

dentre outros. Desvios ou evoluções que gerem aumento nos indicadores de risco são reportados à Diretoria, sendo prerrogativa da instituição adotar ações corretivas ou estratégias de saída de risco, quando cabível.

Por sua vez, a Diretoria de Crédito pauta sua atuação segundo limites máximos de exposição por linha de negócio e ramo de atuação estabelecidos pelo Comitê de Diretoria, aprovados e divulgados em suas políticas.

É responsabilidade da equipe de crédito determinar para cada contraparte da instituição a máxima exposição de crédito aceitável, segundo critérios pré-estabelecidos: de qualidade creditícia do cliente, de capacidade financeira de repagamento dos empréstimos e de adequação das linhas de financiamento.

A seu jugamento, a Diretoria de Crédito, pode solicitar adequações de prazo e linhas de financiamento, bem como, determinar condicionantes à concessão de crédito, além da associação de garantias colaterais, visando adequar as operações de crédito ao apetite de risco estabelecido pela Instituição. Suas decisões respeitam as alçadas concedidas pelo Comitê de Diretoria, sendo os maiores desembolsos encaminhados para aprovação neste fórum.

De forma recorrente são analisados o comportamento do portfolio frete a simulações de estresse econômico, possibilitando a antecipação de ações corretivas e definindo pontos de atenção para acompanhamento.

## Garantias

A instituição utiliza-se de garantias reais e pessoais como mitigadores de risco em suas operações de crédito, derivativos e operações compromissadas. As garantias são requisitadas de acordo com as características intrínsecas de cada crédito concedido. Na maioria dos casos, o tipo de garantia solicitada dependerá da modalidade do empréstimo, qualidade creditícia, ramo de atividade e segmento econômico do proponente da operação de crédito

O processo de análise de crédito verifica quantitativamente e qualitativamente as garantias propostas, deliberando sobre sua aprovação ou reprovação, bem como sua suficiência ou insuficiência frente ao risco de crédito potencial.

Em linhas gerais, a distribuição geográfica das garantias reais segue aquela das operações de crédito as quais estão vinculadas. De mesma maneira, a diversificação de garantias recebidas acompanhará a distribuição da carteira de crédito, por modalidades e segmentos de atuação.

Segue abaixo a relação das principais garantias operadas pelo Conglomerado Financeiro Original:

- Aval dos sócios e cotistas;
- Penhor ou alienação fiduciária de bens móveis;
- Hipoteca ou alienação fiduciária de bens imóveis;
- Cessão fiduciária de direitos creditórios e títulos de crédito; e
- Cessão fiduciária de depósitos e títulos.

Como política da instituição, normalmente, são solicitadas garantias superiores ao valor da operação de crédito, protegendo-se de uma possível desvalorização, custos de processuais ou perdas financeiras advindas da ação de sequestro da garantia.

O registro das garantias é realizado na forma da lei e, em se tratando de penhor ou alienação de bens móveis ou imóveis, se dá nos cartórios competentes.

A avaliação das garantias, em especial relativas à produção agropecuária, é feita com base no preço de mercado do produto na data da concessão e/ou no preço futuro previsto para o produto, considerando o cenário de venda forçada.

Realizam-se periodicamente, em média a cada trimestre, ou de acordo com os fluxos de vencimento, histórico ou épocas de abate, colheita, etc., visitas de monitoramento para aferição da real existência das garantias, bem como sua qualidade e condições de manejo e estocagem. O valor das garantias é reestimado periodicamente em função dos fatores acima observados e das variações do mercado.

A tabela abaixo traz o valor das garantias recebidas que atendam cumulativamente aos seguintes requisitos:

- a) sejam mantidas ou custodiadas na própria instituição;
- b) tenham por finalidade exclusiva a constituição de garantia para as operações a que se vinculem;
- c) estejam sujeitas à movimentação, exclusivamente, por ordem da instituição depositária; e
- d) estejam imediatamente disponíveis para a instituição depositária no caso de inadimplência do devedor ou de necessidade de sua realização.

Valor das Garantias Recebidas					
(R\$ mil)	2º T / 2014	1º T / 2014	4º T / 2013	3º T / 2013	2º T / 2013
Garantias recebidas	792.777	979.700	556.349	578.294	391.196

Tanto para gerenciamento interno como para a apuração do capital a ser alocado para cobertura das exposições relativas ao risco de crédito (Circular 3.644/13), a instituição utiliza, nas operações de venda com recompra, os recursos financeiros recebidos como mitigador de risco de crédito. Já nas operações de compra com revenda, os títulos públicos federais recebidos são utilizados como mitigadores de risco de crédito. Com estes procedimentos é possível mitigar quase a totalidade da exposição ao risco de crédito original da operação.

Segue abaixo tabela com as exposições mitigadas para fins de alocação de capital na parcela de risco de crédito (RWACPAD) segundo a Circular 3.644/13.

Valor mitigado por instrumento - R\$ (mil)							
Operação	FPR	Mitigador	2º T / 2014	1º T / 2014	4º T / 2013	3º T / 2013	2º T / 2013
Compra com revenda	20%	Títulos públicos federais	784.401	966.157	547.678	576.130	664.099
Venda com recompra	20%	Recursos financeiros (Reais)	9.410	-	-	17.500	11.002

Ademais da apuração do capital regulatório, a instituição percebe as garantias recebidas como um mitigador de risco na estimativa da provisão de crédito de liquidação duvidosa (PCLD).

Segundo a probabilidade inferida de sucesso na tomada das garantias a favor da instituição, seu valor em um cenário de venda forçada ou estresse de mercado e os custos incorridos durante o processo de retomada e liquidação, estima-se o valor financeiro potencial das garantias associadas.

Caso o valor apurado seja representativo frente à exposição de risco da contraparte, a Instituição tem a prerrogativa, dentro de regras aprovadas pelo Comitê de Diretoria, de melhorar a classificação de risco das operações de crédito com garantias associadas, desde que as mesmas estejam em dia.

### Atraso, Provisionamento e Perdas de Crédito

As tabelas abaixo trazem o montante das operações em atraso, bruto de provisões e excluídas as operações já baixadas para prejuízo, segregadas em faixas de vencimento, por regiões geográficas do Brasil, e após por setor econômico.

<b>Montante das operações em atraso por Região</b>										
(RS mil)	2º T / 2014					1º T / 2014				
Região	atraso entre 15 e 60 dias	atraso entre 61 e 90 dias	atraso entre 91 e 180 dias	atraso entre 181 e 360 dias	atraso acima de 360 dias	atraso entre 15 e 60 dias	atraso entre 61 e 90 dias	atraso entre 91 e 180 dias	atraso entre 181 e 360 dias	atraso acima de 360 dias
Centro-Oeste	20.167	4.662	4.256	4.563	36	46.952	159	3.103	7.453	695
Nordeste	4.299	88	337	252	150	410	159	235	2.154	1.926
Norte	4.475	29	90	1.778	66	158	107	1.374	884	842
Sudeste	12.503	6.503	2.991	15.990	718	35.233	895	5.234	12.313	5.850
Sul	325	88	423	1.147	154	1.455	161	1.197	649	775
<b>Total</b>	<b>41.769</b>	<b>11.370</b>	<b>8.096</b>	<b>23.730</b>	<b>1.124</b>	<b>84.207</b>	<b>1.481</b>	<b>11.143</b>	<b>23.452</b>	<b>10.088</b>

<b>Montante das operações em atraso por Setor Econômico</b>										
(RS mil)	2º T / 2014					1º T / 2014				
Setor	atraso entre 15 e 60 dias	atraso entre 61 e 90 dias	atraso entre 91 e 180 dias	atraso entre 181 e 360 dias	atraso acima de 360 dias	atraso entre 15 e 60 dias	atraso entre 61 e 90 dias	atraso entre 91 e 180 dias	atraso entre 181 e 360 dias	atraso acima de 360 dias
Agronegócio	33.471	8.841	3.176	8.215	187	82.382	602	6.058	11.740	1.043
Indústria	6.828	2.111	-	95	-	-	-	-	-	-
Outros	0	0	0	14.191	0	0	0	4.169	10.022	0
Serviços	-	48	3.166	-	-	0	-	-	-	-
Pessoa Física	1.471	370	1.754	1.229	936	1.825	879	916	1.690	9.045
<b>Total</b>	<b>41.769</b>	<b>11.370</b>	<b>8.096</b>	<b>23.730</b>	<b>1.124</b>	<b>84.207</b>	<b>1.481</b>	<b>11.143</b>	<b>23.452</b>	<b>10.088</b>

A volatilidade observada nos saldos de carteira com atrasos até 60 dias tem origem contratos do setor agropecuário e está dentro do padrão de sazonalidade esperado para esse tipo de negócio. A progressão de faixa de alguns clientes gerou o aumento do atraso entre 61 e 90 dias. Por fim, a diminuição do atraso acima de 360 dias deve-se principalmente a contratos de consignado que foram para prejuízo.

Estes contratos classificados para prejuízo explicam em grande parte a diminuição do saldo de provisão para pessoa física na tabela abaixo que traz o montante de provisões para perdas relativas às exposições de crédito, segmentado por setor econômico, discriminando os valores adicionados e os subtraídos no trimestre.

(RS mil)	<b>Montante provisões para perdas relativas às exposições</b>					
	2º T / 2014			1º T / 2014		
Setor	Entrada Provisão	Saída Provisão	Saldo Provisão	Entrada Provisão	Saída Provisão	Saldo Provisão
Agronegócio	2.933	4.705	13.905	7.127	4.266	15.677
Indústria	3.811	1.354	6.856	2.188	995	4.399
Serviços	5.102	3.740	6.876	1.927	326	5.515
Pessoa Física	8.287	22.248	28.282	9.445	9.876	42.243
Outros	0	5	14.215	9.934	2.128	14.220
<b>Total</b>	<b>20.133</b>	<b>32.052</b>	<b>70.134</b>	<b>30.621</b>	<b>17.592</b>	<b>82.054</b>

A tabela seguinte demonstra o fluxo de operações baixadas para prejuízo por trimestre, segmentado por setor econômico, contemplando as operações de consignado já citadas acima.

Operações baixadas para prejuízo (R\$ mil)		
Setor	2º T / 2014	1º T / 2014
Agronegócio	6.066	1.638
Indústria	0	0
Outros	188	17
Serviços	546	0
Pessoa Física	15.123	2.272
<b>Total</b>	<b>21.924</b>	<b>3.927</b>

### Recuperação e Cobrança

A área de cobrança objetiva minimizar as perdas financeiras associadas à inadimplência, parcial ou total, dos contratos de empréstimos. As ações da recuperação de crédito seguem regras formalizadas em normativos internos para cada tipo de modalidade de crédito e garantia associada.

As ações de cobrança vão desde o contato com o cliente, negociação amigável, aviso aos garantidores e avalistas, negativação em órgãos que prestam serviço de informação de crédito (SPC, SERASA), reestruturação dos contratos, chegando a tomada de ações jurídicas cabíveis para a recuperação da dívida.

---

## 6. Risco de Liquidez

---

O Conglomerado Original tem a devida preocupação com o gerenciamento e monitoramento do risco de liquidez. A importância dada pela alta administração a esta atividade é norteada pela Política de Risco de Liquidez que é devidamente aprovada e revisada, periodicamente, pelo comitê executivo responsável pela gestão de riscos e capital.

Esta política segue as diretrizes da Resolução 4.090 de 24 de maio de 2012 assim como as melhores práticas propostas pelo Comitê de Basileia.

Seguindo a governança estabelecida, a definição dos limites, da periodicidade de monitoramento e a revisão das normas são de responsabilidade e alçada do Comitê de Diretoria.

A área de riscos é responsável por monitorar, controlar, analisar e reportar os possíveis descasamentos de fluxos de caixa ou oscilações de mercado que comprometam a liquidez da instituição. Diariamente são encaminhados para a alta administração do Conglomerado relatórios que quantificam este monitoramento.

Fundamentadas com estas informações quantitativas e aliadas às estratégias de crescimento da instituição, sua diretoria baliza as políticas de captação e aplicações de forma a conservar e garantir um nível adequado de liquidez.

Os pilares que estruturam estas análises são detalhadas nos itens a seguir:

### **Fluxo de Caixa**

A apuração do fluxo de caixa é realizada diariamente a partir da consolidação de informações acerca do portfólio da Instituição. Utiliza-se neste fluxo um horizonte temporal de, no mínimo, 90 (noventa) dias.

Para os fluxos são considerados os diferentes tipos de moedas, prazos e valores contratados das operações. Visando uma melhor aderência com o fluxo real, incorpora-se ao fluxo de caixa contratual a ocorrência de eventos esperados que impactem na liquidez da instituição como inadimplência, renovações de operações, novas, etc.

O saldo líquido diário é apurado a partir da diferença entre entradas e saídas de caixa. Com o acúmulo do saldo diário líquido é construído o saldo acumulado, que reflete a expectativa de recursos disponíveis da instituição para cada data.

São identificados possíveis descasamentos ou concentrações no fluxo que possam comprometer a capacidade financeira da Instituição. Estes descasamentos são monitorados pela Área de Riscos, que acionará as áreas responsáveis pela gestão da carteira para as providências conforme cada mandato.

### **Teste de Estresse**

A análise do risco de liquidez é complementada com testes de estresse, que estimam os efeitos de eventos severos ou situações extremas das condições econômico-financeiras sobre a liquidez da instituição.

Os cenários de condições adversas de liquidez consideram, entre outros fatores, a redução de recursos captados, a dificuldade de acesso a novos recursos e a restrição de liquidação financeira de ativos. Por



sua vez, os cenários de choques nos fatores de riscos levam em conta alteração nos valores das variáveis macroeconômicas, dos preços dos ativos e das taxas de juros, assim como a desvalorização de ativos líquidos.

A área de riscos realiza o monitoramento da liquidez nestes cenários e reporta seus resultados para a área de Tesouraria e os diretores responsáveis pelas áreas de Risco e Captação.

### **Índices de Liquidez**

Em complemento às análises e projeções de fluxo de caixa, são monitorados índices que quantificam os perfis de liquidez da instituição.

São observados conceitos regulatórios advindos do comitê de Basileia, que observam a liquidez de curto prazo (Liquidity Coverage Ratio – LCR) e de longo prazo (Net Stable Funding Ratio - NSFR).

Em complemento aos requisitos regulatórios, são monitorados índices que mensuram a concentração de fluxos, instrumentos financeiros, produtos, natureza dos credores e devedores.

De acordo com o apetite a risco de liquidez da instituição, o Comitê de Gestão de Riscos e Capital define quais os índices de liquidez devem ter limites bem quais seus níveis de alerta. O cálculo dos índices é realizado em função da projeção do fluxo de caixa. Este fluxo é projetado em um cenário esperado e também em um cenário de *stress* de liquidez. A área de risco monitora e reporta estes índices para as áreas de Tesouraria e para os diretores responsáveis pelas áreas de Risco e Captação.

Uma vez detectada a inobservância dos níveis de alerta a área de risco de liquidez comunica tempestivamente o Comitê de Diretoria.

### **Caixa Mínimo**

O controle de caixa mínimo consiste no monitoramento da disponibilidade de caixa vis a vis a necessidade de caixa programada. Para tal, primeiramente, o Comitê de Gestão de Risco e Capital define uma lista de instrumentos passíveis de serem classificados como ativos líquidos. Também cabe ao comitê a definição sobre eventuais descontos nos valores de face destes ativos (*haircut*) com a finalidade de prever possíveis desvalorizações em suas negociações.

O caixa mínimo consiste na manutenção de um valor de caixa composto por ativos líquidos. Este nível de caixa tem o intuito de manter o Conglomerado em funcionamento por um determinado período de tempo, em um cenário esperado e de estresse.

Diariamente a área de risco de liquidez monitora o valor dos ativos líquidos (caixa) e compara com o nível mínimo. A informação sobre a composição do caixa, do seu nível e a projeção do seu movimento é informada para a área de Tesouraria e aos diretores de Risco e Captação através de relatórios diários.

Se observado um nível de caixa inferior ao caixa mínimo todos os membros do Comitê de Gestão de Risco e Capital são informados tempestivamente para análise das ações a serem tomadas. Periodicamente, o montante financeiro da reserva e o período que esta reserva deve manter o banco em funcionamento são reavaliados pelo Comitê.

### **Plano de Contingência de Liquidez**

O plano de contingência de liquidez é um documento, com revisão anual, que contém a definição do processo para fazer frente às insuficiências no fluxo financeiro em situações de crise de liquidez em diferentes horizontes de tempo, inclusive *intraday*.

---

## 7. Risco Operacional

---

Define-se como risco operacional a possibilidade de ocorrência de perdas resultantes de falha, deficiência ou inadequação de processos internos, pessoas e sistemas, ou de eventos externos. Inclui-se ainda o risco associado à inadequação ou deficiência em contratos firmados pela instituição, bem como a sanções em razão de descumprimento de dispositivos legais e indenizações por danos a terceiros decorrentes das atividades desenvolvidas pela instituição.

Segundo a própria Resolução 3.380/06, inclui-se nos eventos de risco operacional:

- Fraudes internas e externas;
- Práticas inadequadas relativas a clientes, produtos e serviços;
- Falhas na execução, cumprimento de prazos e gerenciamento das atividades da instituição;
- Danos a ativos físicos próprios ou de uso pela instituição;
- Aqueles que acarretam interrupção de atividades;
- Falhas em sistemas de tecnologia da informação; e
- Demandas trabalhistas e segurança deficiente do local de trabalho.

A estrutura de risco operacional do Conglomerado Original visa identificar, avaliar, monitorar, testar, controlar e mitigar os riscos operacionais aos quais a instituição está exposta, além de disseminar internamente a cultura de controle aos demais. Esta estrutura está formalizada na Política de Gerenciamento de Risco Operacional. Este documento define a metodologia, processos e responsabilidades na gestão do risco operacional. A área de Risco Operacional deve atuar de forma corretiva e preventiva evitando novos eventos e reincidência de falhas e elaborar um Plano de Contingência para continuidade dos negócios. A estrutura conta ainda com um comitê de Risco Operacional e Controles Internos.

Os principais instrumentos utilizados na Gestão de Risco Operacional são:

- Mapeamento dos Processos;
- Matriz de Riscos e Controles;
- Testes de Controles;
- Sistema de Cadastramento de Ocorrências de Risco Operacional;
- Base de Dados de Perdas Operacionais (em construção); e
- Programa de Gerenciamento de Mudanças.

A qualidade do processo de reporte e gestão do risco operacional é fator determinante para um adequado sistema de riscos e controles, uma vez que permite atuação tempestiva da instituição com decisões equilibradas, evitando desperdícios de recursos ou perdas associadas ao risco operacional.

O gerenciamento do risco operacional no Conglomerado Original é suportado por uma governança estruturada através de fóruns colegiados específicos, conforme cada nível de risco.

Para o cálculo da parcela referente ao risco operacional (RWAOPAD), o Conglomerado Original utiliza a Abordagem do Indicador Básico conforme Circular 3.640/13, publicada pelo Banco Central do Brasil, e atualizações.

As áreas envolvidas na estrutura, assim como suas principais responsabilidades são:

---

---

## **Diretoria**

- Estabelecer diretrizes dos negócios, aprovando e revisando, no mínimo anualmente, a política de risco operacional.

## **Comitê de Risco Operacional e Controles Internos**

- Acompanhar a suficiência dos controles implantados, frente aos riscos a que o Conglomerado estiver exposto;
- Discutir e decidir questões técnicas e operacionais; e
- Coordenar a implantação dos procedimentos necessários ao gerenciamento do risco operacional.

## **Comitê de Auditoria**

- Avaliar os processos de controles internos e de gerenciamento de riscos do Conglomerado; e
- Recomendar à diretoria da instituição, correção ou aprimoramento de políticas, práticas e procedimentos identificados no âmbito de suas atribuições.

## **Área de Tecnologia da Informação**

- Gerir o plano de continuidade dos negócios, definindo os procedimentos para assegurar condições de continuidade das atividades, limitando graves perdas decorrentes da inexistência de condições mínimas de manutenção;
- Gerir o processo de comunicação e informação no que tange à segurança dos dados; e
- Manter a segurança e a privacidade da informação.

## **Área de Risco Operacional**

- Implantar, disseminar e revisar as políticas, procedimentos, processos e ferramentas relacionados a Risco Operacional;
- Manter a Diretoria e os envolvidos plenamente atualizados sobre o progresso da gestão de riscos através de relatórios e comitês;
- Convocar os envolvidos para as reuniões do Comitê de Risco Operacional e Controles Internos, e redigir suas atas;
- Identificar, revisar e avaliar os riscos operacionais inerentes ao contexto do ambiente de controle existente e documentar decisões relacionadas à ação mitigadora requerida ou aceitação do risco;
- Gerar e armazenar base que contenha as perdas associadas ao risco operacional e sua conciliação com os registros contábeis;
- Avaliar e divulgar os manuais, visando assegurar que sejam confiáveis e atendam aos requisitos de avaliação de riscos e controles;
- Divulgar na internet e nas demonstrações contábeis a descrição da estrutura de gerenciamento de risco operacional;
- Elaborar e divulgar o relatório 3.380, de gerenciamento de Risco Operacional; e
- Avaliar e acompanhar as soluções para as falhas operacionais.

## **Área de Auditoria Interna**

- Avaliar periodicamente os testes realizados pela Área de Controles Internos, bem como a correta implementação dos planos de ação necessários; e
- Emitir relatórios sobre a eficiência dos controles realizados.

---

---

**Área de Compliance / Prevenção à Lavagem de Dinheiro**

- Promover a conformidade do Conglomerado com o ambiente legal, regulatório e com os regimentos internos;
- Responsável pelo programa de Prevenção a Lavagem de Dinheiro (PLD);
- Elaborar os pareceres do programa “Conheça seu cliente”;
- Realizar monitoramento de operações; e
- Comunicar ao COAF as movimentações suspeitas.

**Todos os Integrantes da Instituição**

- Cumprir as normas e políticas do Conglomerado, resultando na melhoria contínua do sistema de gestão de riscos;
- Gerir e efetuar a avaliação constante de seus processos e controles; e
- Envidar esforços concretos no sentido de documentar e sanar as deficiências observadas relativas a riscos operacionais.

---

## 8. Gerenciamento de Capital

---

Nas Resoluções 4.192 e 4.193 de 2013 foram definidas as principais métricas para alocação de capital da instituição seguindo as orientações do Comitê de Basileia. Nestas resoluções foram instituídos os conceitos de Patrimônio de Referência (PR Nível I e Nível II) e Ativos Ponderados pelo Risco (RWA).

O gerenciamento de capital pode ser definido como o processo contínuo de monitoramento e controle do capital mantido pela instituição com a avaliação da necessidade de capital para fazer face aos riscos a que a instituição está sujeita, visando o planejamento de metas e de necessidade de capital, de acordo com os objetivos estratégicos da instituição (Resolução 3.988/11).

A Diretoria de Riscos monitora e controla a necessidade de capital para fazer frente aos riscos da instituição, reportando os resultados para os órgãos reguladores, as áreas envolvidas no processo e aos comitês gestores conforme alçadas definidas.

Os processos executados pela Diretoria de Riscos relacionados ao gerenciamento de capital consistem em: a) evolução e projeção dos principais riscos que a instituição incorre; b) projeção das carteiras de ativos e passivos e dos resultados; c) levantamento das fontes de capital; d) projeção do capital e das necessidades de capital para fazer frente aos riscos; e) apuração e análise da suficiência de capital, de acordo com as metas definidas; e f) aplicação de testes de estresse e reporte dos resultados e controles de limites.

Com isso, a instituição avalia a relação entre o capital exigido, incluindo aqueles riscos não abrangidos pelas parcelas do montante RWA e o capital disponível, considerando a carteira atual, as projeções futuras e os impactos da aplicação de cenários de estresse. Como resultado destas avaliações, atualmente o conglomerado consegue manter o crescimento planejado no médio prazo sem a necessidade de aportes de capital.

Os relatórios possibilitam à Diretoria o acompanhamento da alocação de capital nas diversas linhas de negócios, o que gera informações estratégicas para a tomada de decisão no planejamento. A instituição tem como objetivo manter o Patrimônio de Referência (PR) em níveis suficientemente confortáveis para cobrir os riscos abrangidos nos Ativos Ponderados pelo Risco (RWA) e na parcela RBAN.

Atualmente, o Patrimônio de Referência (PR) da instituição é composto somente pelo Capital Principal, que é constituído pelos seguintes instrumentos:

### **Capital Principal**

- Ações ordinárias no país;
- Ações preferências não cumulativas e não resgatáveis no país;
- Reserva de lucros; e
- Lucros/prejuízos acumulados.
- Ajustes Prudenciais.

Assim, a instituição não possui instrumentos elegíveis a compor o Capital Complementar nem o Nível II do PR. Na apuração do Patrimônio de Referência não há nenhum instrumento com prazo de vencimento.

Em relação às restrições ou impedimentos relevantes, existentes ou possíveis, à transferência de recursos entre as instituições do Conglomerado, destacamos a existência de obrigações contratuais do controlador que colocam o capital social do Banco Original S.A como garantia de uma operação,

impedindo assim a transferência deste capital para o Banco Original do Agronegócio S.A. Não obstante, as duas instituições apresentam, de forma individual, Patrimônio de Referência (PR) acima dos requerimentos mínimos de capital apurado sobre o montante dos ativos ponderados pelo risco (RWA), ou seja, folga no índice de Basileia, seguindo os moldes da regulamentação aplicada ao Conglomerado.

### Análise Quantitativa

O cálculo dos Ativos Ponderados ao Risco (RWA) consiste em uma soma de parcelas que quantificam e consolidam os riscos de mercado, crédito e operacional.

O  $RWA_{cpad}$  (Circular 3.644/13) representa o risco de crédito ponderado pelo fator de risco associado a cada modalidade.

O  $RWA_{opad}$  (Circular 3.640/13) quantifica a exposição ao Risco Operacional.

As parcelas de risco de mercado das operações registradas na carteira de negociação (*trading*) da instituição são segregadas por grupos de fatores de risco:

$RWA_{jur}$ : Grupo de parcelas que medem a exposição da carteira à taxa de juros pré-fixada em reais, cupom de moeda estrangeira e cupom de inflação. Esta classe de parcelas tem a seguinte segregação:

$RWA_{jur1}$  (Circular 3.634/13): taxa de juros préfixadas em reais;

$RWA_{jur2}$  (Circular 3.635/13): cupom de moedas estrangeiras;

$RWA_{jur3}$  (Circular 3.636/13): cupom de inflação; e

$RWA_{jur4}$  (Circular 3.637/13): cupom de juros.

$RWA_{acs}$  (Circular 3.638/13): Parcela que mede a exposição da carteira em ações ou derivativos indexados a índices de bolsas.

Por sua vez, nas parcelas  $RWA_{com}$  e  $RWA_{cam}$  são consideradas todas as operações que possuem risco de *commodities* e risco cambial, respectivamente.

$RWA_{com}$  (Circular 3.639/13): Parcela que mede a exposição da carteira a variação no preço das *commodities*.

$RWA_{cam}$  (Circular 3.641/13): Parcela que mede a exposição da carteira em moeda estrangeira.

O quadro abaixo demonstra a evolução da alocação de capital do Conglomerado Financeiro Original<sup>2</sup>. Os valores das parcelas de RWA estão multiplicados por 11% para permitir a comparação com os outros trimestres.

<sup>2</sup> O envio de informações sobre a alocação de capital do Consolidado Econômico-Financeiro (CONEF) foi descontinuado pelo Banco Central, conforme redação dada pela Circular 3.686/13 que altera a Circular 3.398/08.

Alocação de Capital						
Basileia III				Basileia II		
(R\$ mil)	2º T / 2014	1º T / 2014	4º T / 2013	(R\$ mil)	3º T / 2013	2º T / 2013
<b>A) Patrimônio de Referência (PR)</b>	<b>2.033.285</b>	<b>2.002.978</b>	<b>2.035.360</b>	<b>A) Patrimônio de Referência (PR)</b>	<b>2.010.027</b>	<b>2.017.536</b>
PR Nível I	2.033.285	2.002.978	2.035.360	PR Nível I	1.996.302	2.014.130
<b>Capital Principal (CP)</b>	<b>2.033.285</b>	<b>2.002.978</b>	<b>2.035.360</b>	Patrimônio Líquido + Resultado	2.010.813	2.018.321
Capital Social + Resultado + Reservas	2.060.499	2.026.455	2.035.837	Ativo Permanente Diferido	(785)	(785)
Ajustes Prudenciais	(27.213)	(23.477)	(477)	Ajuste TVM	(13.726)	(3.406)
<b>Capital Complementar (CC)</b>	<b>-</b>	<b>-</b>	<b>-</b>			
Instrumentos Elegíveis ao CC	-	-	-			
PR Nível II	-	-	-	PR Nível II	13.726	3.406
Instrumentos Elegíveis ao Nível II	-	-	-	Ajuste TVM	13.726	3.406
Deduções Nível II	-	-	-	Deduções do PR	-	-
<b>B) Ativos Ponderados por Risco (RWA)</b>	<b>842.611</b>	<b>296.752</b>	<b>300.499</b>	<b>B) Patrimônio Referência Exigido (PRE)</b>	<b>280.568</b>	<b>265.127</b>
Valor da Parcela RWA <sub>CAM</sub>	3.282	682	-	Valor da Parcela PCAM	-	-
Valor da Parcela RWA <sub>JUR1</sub>	513.612	582	96	Valor da Parcela PJUR[1]	11.348	6.925
Valor da Parcela RWA <sub>JUR2</sub>	5.083	3.673	1.388	Valor da Parcela PJUR[2]	493	724
Valor da Parcela RWA <sub>JUR3</sub>	-	-	-	Valor da Parcela PJUR[3]	-	-
Valor da Parcela RWA <sub>JUR4</sub>	-	-	-	Valor da Parcela PJUR[4]	-	-
Valor da Parcela RWA <sub>COM</sub>	224	939	167	Valor da Parcela PCOM	6.641	17.174
Valor da Parcela RWA <sub>ACS</sub>	6.543	12.304	16.807	Valor da Parcela PACS	-	-
Valor da Parcela RWA <sub>CPAD</sub>	249.718	214.423	219.404	Valor da Parcela PEPR	199.449	175.808
Valor da Parcela RWA <sub>OPAD</sub>	64.150	64.150	62.637	Valor da Parcela POPR	62.637	64.495
Valor da Parcela R <sub>BAN</sub>	31.341	24.437	33.148	Valor da Parcela R <sub>BAN</sub>	24.554	27.927
<b>C) Margem (PR - (RWA*0,11) - R<sub>BAN</sub>)</b>	<b>1.159.334</b>	<b>1.681.789</b>	<b>2.035.026</b>	<b>C) Margem (PR - PRE - R<sub>BAN</sub>)</b>	<b>1.704.905</b>	<b>1.724.482</b>
Índice de Capital Principal (ICP)	26,54%	74,25%	74,51%			
Índice de Nível I (IN1)	26,54%	74,25%	74,51%			
Índice de Basileia (IB)	26,54%	74,25%	74,51%	Índice de Basileia (IB)	78,81%	83,71%

O Patrimônio de Referência apresentou aumento de aproximadamente R\$ 30MM em relação ao trimestre anterior, principalmente pelo resultado gerado pela Tesouraria da instituição.

Em relação aos ativos ponderados pelo risco (RWA), a parcela RWA<sub>jur1</sub> teve significativo aumento devido as estratégias de posicionamento da Tesouraria no mercado de juros. Já o aumento do capital alocado na parcela de risco de crédito (RWACPAD) deve-se ao crescimento da carteira de crédito da instituição, e a queda da parcela de risco de mercado em ações (RWAacs) é consequência da redução da carteira de ações.

No segundo trimestre de 2014 o Índice da Basileia caiu de 74,25% para 26,54%, motivado pelos fatos acima, principalmente pelo acréscimo de RWA<sub>jur1</sub>.

## 9. Anexo I

<b>Composição do Patrimônio de Referência (PR) e informações sobre a adequação do PR</b>			
<b>Número da linha</b>	<b>Capital Principal: instrumentos e reservas</b>	<b>Valor (R\$ mil)</b>	<b>Valor sujeito a tratamento transitório (R\$ mil)</b>
1	Instrumentos Elegíveis ao Capital Principal	2.184.315	-
2	Reservas de lucros	(123.814)	-
3	Outras receitas e outras reservas	(3)	-
4	<i>Instrumentos autorizados a compor o Capital Principal antes da entrada em vigor da Resolução nº 4.192, de 2013</i>	-	-
5	Participação de não controladores em subsidiárias integrantes do conglomerado, não dedutível do Capital Principal	-	-
6	<b>Capital Principal antes dos ajustes prudenciais</b>	<b>2.060.499</b>	-
<b>Número da linha</b>	<b>Capital Principal: ajustes prudenciais</b>	<b>Valor (R\$ mil)</b>	<b>Valor sujeito a tratamento transitório (R\$ mil)</b>
7	Ajustes prudenciais relativos a apreçamento de instrumentos financeiros	-	-
8	Ágios pagos na aquisição de investimentos com fundamento em expectativa de rentabilidade futura	-	-
9	Ativos intangíveis	20.821	31.820
10	Créditos tributários decorrentes de prejuízos fiscais e de base negativa de Contribuição Social sobre o Lucro Líquido e os originados dessa contribuição relativos a períodos de apuração encerrados até 31 de dezembro de 1998	19.258	77.033
11	Ajustes relativos ao valor de mercado dos instrumentos financeiros derivativos utilizados para <b>hedge</b> de fluxo de caixa de itens protegidos que não tenham seus ajustes de marcação a mercado registrados contabilmente.	-	-
12	Diferença a menor entre o valor provisionado e a perda esperada para instituições que usam IRB	-	-
13	Ganhos resultantes de operações de securitização	-	-
14	Ganhos ou perdas advindos do impacto de mudanças no risco de crédito da instituição na avaliação a valor justo de itens do passivo	-	-
15	Ativos atuariais relacionados a fundos de pensão de benefício definido	-	-
16	Ações ou outros instrumentos de emissão própria autorizados a compor o Capital Principal, adquiridos diretamente, indiretamente ou de forma sintética	-	-
17	Investimentos cruzados em instrumentos elegíveis ao Capital Principal	-	-
18	Valor agregado das participações inferiores a 10% do capital social de empresas assemelhadas a instituições financeiras não consolidadas, de sociedades seguradoras, resseguradoras, de capitalização e de entidades abertas de previdência complementar, que exceda 10% do valor do Capital Principal, desconsiderando deduções específicas	-	-
19	Participações superiores a 10% do capital social de empresas assemelhadas a instituições financeiras não consolidadas, de sociedades seguradoras, resseguradoras, de capitalização e de entidades abertas de previdência complementar	-	-
20	<b>Mortgage servicing rights</b>	-	-
21	Créditos tributários decorrentes de diferenças temporárias que dependam de geração de lucros ou receitas tributáveis futuras para sua realização, acima do limite de 10% do Capital Principal, desconsiderando deduções específicas	-	-
22	Valor que excede a 15% do Capital Principal	-	-
23	do qual: oriundo de participações no capital social de empresas assemelhadas a instituições financeiras não consolidadas, de sociedades seguradoras, resseguradoras, de capitalização e de entidades abertas de previdência complementar	-	-
24	do qual: oriundo de direitos por serviços de hipoteca	-	-
25	do qual: oriundo de créditos tributários decorrentes de diferenças temporárias que dependam de geração de lucros ou receitas tributáveis futuras para sua realização	-	-
26	Ajustes regulatórios nacionais	(12.866)	-
26.a	Ativos permanentes diferidos	-	-
26.b	Investimento em dependência, instituição financeira controlada no exterior ou entidade não financeira que componha o conglomerado, em relação às quais o Banco Central do Brasil não tenha acesso a informações, dados e documentos	-	-
26.c	Instrumentos de captação elegíveis ao Capital Principal emitidos por instituição autorizada a funcionar pelo Banco Central do Brasil ou por instituição financeira no exterior, que não componha o conglomerado	-	-
26.d	Aumento de capital social não autorizado	-	-
26.e	Excedente ao valor ajustado de Capital Principal	-	-
26.f	Depósito para suprir deficiência de capital	-	-
26.g	Montante dos ativos intangíveis constituídos antes da entrada em vigor da Resolução nº 4.192, de 2013	12.866	-
26.h	Excesso dos recursos aplicados no Ativo Permanente	-	-
26.i	Destaque do PR	-	-
26.j	Outras diferenças residuais relativas à metodologia de apuração do Capital Principal para fins regulatórios	-	-
27	Ajustes regulatórios aplicados ao Capital Principal em função de insuficiência do Capital Complementar e de Nível II para cobrir deduções	-	-
28	<b>Total de deduções regulatórias ao Capital Principal</b>	<b>27.213</b>	-
29	<b>Capital Principal</b>	<b>2.033.285</b>	-



Número da linha	Capital Complementar: instrumentos	Valor (R\$ mil)	Valor sujeito a tratamento transitório (R\$ mil)
30	Instrumentos elegíveis ao Capital Complementar	-	
31	dos quais: classificados como capital social conforme as regras contábeis	-	
32	dos quais: classificados como passivo conforme as regras contábeis	-	
33	Instrumentos autorizados a compor o Capital Complementar antes da entrada em vigor da Resolução nº 4.192, de 2013	-	
34	Participação de não controladores em subsidiárias integrantes do conglomerado, não dedutível do Capital Complementar	-	
35	dos quais: instrumentos emitidos por subsidiárias antes da entrada em vigor da Resolução nº 4.192, de 2013	-	
36	<b>Capital Complementar antes das deduções regulatórias</b>	-	
Número da linha	Capital Complementar: deduções regulatórias	Valor (R\$ mil)	Valor sujeito a tratamento transitório (R\$ mil)
37	Ações ou outros instrumentos de emissão própria, autorizados a compor o Capital Complementar, adquiridos diretamente, indiretamente ou de forma sintética	-	
38	Investimentos cruzados em instrumentos elegíveis ao capital complementar	-	
39	Valor agregado das participações inferiores a 10% do capital social de instituições autorizadas a funcionar pelo Banco Central do Brasil ou por instituição financeira no exterior, que não componha o conglomerado e que exceda 10% do valor do Capital Complementar	-	
40	Participações superiores a 10% do capital social de instituições autorizadas a funcionar pelo Banco Central do Brasil ou por instituição financeira no exterior, que não componha o conglomerado	-	
41	Ajustes regulatórios nacionais	-	
41.a	Instrumentos de captação elegíveis ao capital complementar emitidos por instituição autorizada a funcionar pelo Banco Central do Brasil ou por instituição financeira no exterior, que não componha o conglomerado, limitando-se aos instrumentos detidos por terceiros e emitidos até 31 de dezembro de 2012	-	
41.b	Participação de não controladores no Capital Complementar	-	
41.c	Outras diferenças residuais relativas à metodologia de apuração do Capital Complementar para fins regulatórios	-	
42	Ajustes regulatórios aplicados ao Capital Complementar em função de insuficiência do Nível II para cobrir deduções	-	
43	<b>Total de deduções regulatórias ao Capital Complementar</b>	-	
44	<b>Capital Complementar</b>	-	
45	<b>Nível I</b>	<b>2.033.285</b>	
Número da linha	Nível II: instrumentos	Valor (R\$ mil)	Valor sujeito a tratamento transitório (R\$ mil)
46	Instrumentos elegíveis ao Nível II	-	
47	Instrumentos autorizados a compor o Nível II antes da entrada em vigor da Resolução nº 4.192, de 2013	-	
48	Participação de não controladores em subsidiárias integrantes do conglomerado, não dedutível do Nível II	-	
49	dos quais: instrumentos emitidos por subsidiárias antes da entrada em vigor da Resolução nº 4.192, de 2013	-	
50	Excesso de provisões em relação à perda esperada no IRB	-	
51	<b>Nível II antes das deduções regulatórias</b>	-	
Número da linha	Nível II: deduções regulatórias	Valor (R\$ mil)	Valor sujeito a tratamento transitório (R\$ mil)
52	Ações ou outros instrumentos de emissão própria, autorizados a compor o Nível II, adquiridos diretamente, indiretamente ou de forma sintética	-	
53	Investimentos cruzados em instrumentos elegíveis ao Nível II	-	
54	Valor agregado das participações inferiores a 10% do capital social de instituições autorizadas a funcionar pelo Banco Central do Brasil ou por instituição financeira no exterior, que não componha o conglomerado, que exceda 10% do valor do Capital Complementar	-	
55	Participações superiores a 10% do capital social de instituições autorizadas a funcionar pelo Banco Central do Brasil ou por instituição financeira no exterior, que não componha o conglomerado	-	
56	Ajustes regulatórios nacionais	-	
56.a	Instrumentos de captação emitidos por instituição autorizada a funcionar pelo Banco Central do Brasil ou por instituição financeira no exterior, que não componha o conglomerado, limitando-se aos instrumentos detidos por terceiros emitidos até 31 de dezembro de 2012	-	
56.b	Participação de não controladores no Nível II	-	
56.c	Outras diferenças residuais relativas à metodologia de apuração do Nível II para fins regulatórios	-	
57	<b>Total de deduções regulatórias ao Nível II</b>	-	
58	<b>Nível II</b>	-	
59	<b>Patrimônio de Referência (Nível I + Nível II)</b>	<b>2.033.285</b>	
60	<b>Total de ativos ponderados pelo risco</b>	<b>7.660.094</b>	

<b>Número da linha</b>	<b>Índices de Basileia e Adicional de Capital Principal</b>	<b>%</b>	
61	Índice de Capital Principal (ICP)	26,54	
62	Índice de Nível I (IN1)	26,54	
63	Índice de Basileia (IB)	26,54	
64	Valor total de Capital Principal demandado especificamente para a instituição (% dos RWA)	4,50	
65	do qual: adicional para conservação de capital	-	
66	do qual: adicional contracíclico	-	
67	do qual: adicional para instituições sistemicamente importantes em nível global (G-SIB)		
68	Montante de Capital Principal alocado para suprir os valores demandados de Adicional de Capital Principal (% dos RWA)	22,04	
<b>Número da linha</b>	<b>Mínimos Nacionais</b>	<b>%</b>	
69	Índice de Capital Principal (ICP), se diferente do estabelecido em Basileia III		
70	Índice de Nível I (IN1), se diferente do estabelecido em Basileia III	5,50	
71	Índice de Basileia (IB), se diferente do estabelecido em Basileia III	11,00	
<b>Número da linha</b>	<b>Valores abaixo do limite para dedução (não ponderados pelo risco)</b>	<b>Valor (R\$ mil)</b>	<b>Valor sujeito a tratamento transitório (R\$ mil)</b>
72	Valor agregado das participações inferiores a 10% do capital social de empresas assemelhadas a instituições financeiras não consolidadas, de sociedades seguradoras, resseguradoras, de capitalização e de entidades abertas de previdência complementar	-	
73	Participações superiores a 10% do capital social de empresas assemelhadas a instituições financeiras não consolidadas, de sociedades seguradoras, resseguradoras, de capitalização e de entidades abertas de previdência complementar	-	
74	<b>Mortgage servicing rights</b>		
75	Créditos tributários decorrentes de diferenças temporárias, não deduzidos do Capital Principal	66.428	
<b>Número da linha</b>	<b>Limites à inclusão de provisões no Nível II</b>	<b>Valor (R\$ mil)</b>	
76	Provisões genéricas elegíveis à inclusão no Nível II relativas a exposições sujeitas ao cálculo do requerimento de capital mediante abordagem padronizada		
77	Limite para a inclusão de provisões genéricas no Nível II para exposições sujeitas à abordagem padronizada		
78	Provisões elegíveis à inclusão no Nível II relativas a exposições sujeitas ao cálculo do requerimento de capital mediante abordagem IRB (antes da aplicação do limite)	-	
79	Limite para a inclusão de provisões no Nível II para exposições sujeitas à abordagem IRB	-	
<b>Número da linha</b>	<b>Instrumentos autorizados a compor o PR antes da entrada em vigor da Resolução 4.192, de 2013 (aplicável entre 1º de outubro de 2013 e 1º de janeiro de 2022)</b>	<b>Valor (R\$ mil)</b>	<b>Valor sujeito a tratamento transitório (R\$ mil)</b>
80	Limite atual para os instrumentos autorizados a compor o Capital Principal antes da entrada em vigor da Resolução nº 4.192, de 2013		
81	Valor excluído do Capital Principal devido ao limite		
82	Instrumentos autorizados a compor o Capital Complementar antes da entrada em vigor da Resolução nº 4.192, de 2013	-	
83	Valor excluído do Capital Complementar devido ao limite	-	
84	Instrumentos autorizados a compor o Nível II antes da entrada em vigor da Resolução nº 4.192, de 2013	-	
85	Valor excluído do Nível II devido ao limite	-	